

MICHEL LAUB

Solução de dois Estados



Raquel
Alexandre
Raquel
Alexandre
Raquel
Alexandre
Raquel
Alexandre
Raquel
Alexandre
Raquel
Alexandre

MATERIAL BRUTO

Alexandre
Raquel

MATERIAL PRÉ-EDITADO

Alexandre
Alexandre
Raquel
Raquel
Alexandre
Raquel
Alexandre
Alexandre
Raquel
Raquel
Raquel

EXTRAS/MATERIAL A INSERIR

4

5

MATERIAL BRUTO

Raquel

Alexandre

Alexandre

Raquel

EXTRAS/MATERIAL A INSERIR

6

7

8

9

10

11

MATERIAL BRUTO

Raquel

Alexandre

Alexandre

Alexandre

Raquel

Agradecimentos

Sobre o autor

Créditos

MATERIAL PRÉ-EDITADO

Alexandre

É que para entender o contexto... Cento e cinquenta milhões na época. Dados do Censo, inclui os velhos, o cara sem os dois rins e tem lá a continha dele... Aí você pega essa massa toda. Uns bezerros. *Venha tomar um café com o nosso gerente, você pode usar coisas de YouTube?*

[...]

Isso tem tudo no YouTube. Um cara na equipe, Ibrahim Eris. Presidente do Banco Central. Chamavam ele de *o Turco*. O Plano Collor foi em março de noventa, fizeram um bloqueio de todas as contas por dezoito meses, deixaram cada um tirar só um troco de feira, aí botam quem para explicar. O Turco diz *regra aplicado. Juros pro rata temporis*. Você não sabe se ri ou chora, na entrevista um não fala português, a ministra é uma débil mental... O nome da ministra era Zélia Cardoso de Mello, sabe como eles decidiram quanto cada cidadão podia tirar da conta? Esses caras. Num *sorteio*. Botaram os números num papelzinho e *jogaram para cima*.

[...]

É sempre fácil pegar uma versão... Como se fosse só um bando de cangaceiros. Zélia e Ibrahim fazem um sorteio e nós rimos trinta anos depois, hã? O governo Collor tinha fraude em tudo que era canto, merenda, cachorro na veterinária em carro oficial, isso aqui é uma putaria desde as caravelas, mas olha o *projeto*. Sabia que durante o confisco os bancos continuavam emprestando ao governo, e o governo pagava juros inteiros enquanto a inflação era maquiada? Quanto desse lucro com juros eles repassaram para os bezerros

dezoito meses depois? É só ver o caso do meu pai. O meu pai era dono de uma fábrica. Uma metalúrgica pequena, vinte e sete funcionários.

[...]

O meu pai soube do Plano Collor em casa. O Jornal Nacional começa às oito e pouco. É o jornal mais importante daqui, eles apoiavam o governo. Todos os canais apoiam o governo porque são apoiados pelos bancos. Todos os ministros que deixam o cargo vão trabalhar num banco. O jornal mostrou a entrevista do Turco, ele disse que não tinha confisco nem calote, *nós estamos dando um chance para o sociedade brasileira*, aí o meu pai ouve isso e levanta... Ele pega a tevê. Era uma tevê de tubo grande, nem sei como ele teve força para carregar. Ele ia jogar a tevê contra a parede, mas perdeu o equilíbrio.

[...]

Tinha uma mesa de vidro atrás dele. Eu estava no quarto essa hora. Levou o quê, uns dez segundos entre eu pular da cama com o barulho e ir até a sala e entender... Os cacos, tudo espalhado no tapete. O detalhe é que a tevê não quebrou, a extensão tinha um cabo longo, e na hora que eu cheguei entrou o intervalo do jornal... O primeiro anúncio era de molho de tomate. Uma lata homem, outra mulher. Um coraçãozinho quando elas começavam a dançar, era a época da lambada.

[...]

Eu tinha quinze anos nessa época. Para você ver como é a memória, as pessoas passam a vida lembrando uma frase, um brinquedo de trinta anos atrás, mas às vezes é o contrário. É o que a pessoa *não* viu, o que ela *não* fez. Você vai falar com a minha irmã, ela vai enrolar você porque é a especialidade dela, mas de algumas coisas não dá para fugir. Existem informações, por exemplo, mostra o

anúncio de molho... Pergunta para ela, essa lambada diz algo para a princesa? Esse coraçãozinho. O que a princesa sabe do Ibrahim Eris? Pergunta se a minha irmã tem ideia de como ficou a casa nos anos seguintes, é fácil falar quando outro é que enfiou o braço na merda.

Raquel

Você trabalha com isso, sabe como funciona. Esses dias eu vi um programa de entrevistas, tinha um rapaz na cadeira de rodas porque tomou um tiro de um vizinho e eu pensei, e se ele ficasse o tempo todo em silêncio? Faz a primeira pergunta, ele não responde. Faz a segunda, a terceira, ia ser curioso porque uma fala sobre ódio também é uma fala sobre o objeto do ódio. Esse objeto causa uma reação ao ser olhado. Isso também faz parte, na verdade é o que melhor explica o processo todo, então eu imaginei como seria se a gente começasse assim. Pelo menos no início, nenhuma retórica. Nenhum truque, nenhuma palavra de enfeite.

[...]

Já pensou? Começa com uma imagem do meu rosto, acho que você ainda pega o contorno das marcas. Não os hematomas como estavam, mas mesmo assim. O meu nariz ficou um pouco torto também, dá para ver ainda? Se não der, eu tenho uma cicatriz em cima do peito. Cinco centímetros, da axila até quase a altura do mamilo. Quer que eu baixe a blusa e mostre?

[...]

Aqui. Todos os dias eu olho para isso. É a primeira coisa que eu faço quando acordo, antes de ir ao banheiro, eu paro na frente do espelho que tem ao lado da minha cama e olho. Como você está olhando. Como o seu público.

[...]

Sabe por que falar de ódio pode ser só um enfeite? Porque no fim o que vale é o efeito concreto, físico. Meu corpo está assim por um

motivo. O motivo surge porque meu corpo é assim. Não é só o rosto e a cicatriz, eu posso ficar de pé e virar de costas, depois de frente, mas você sabe o que é fazer isso depois do que aconteceu? O que já era fazer isso antes de acontecer? É por isso que eu pergunto, além da humilhação de estar desse jeito eu ainda preciso contar a história toda de novo? Fazer todo o esforço, estar num dia bom para ser convincente. Não omitir nenhum detalhe. Não errar o tom. Não dar mais chance a quem quer acabar comigo usando um lapso, uma contradição qualquer sem importância.

Raquel

Por exemplo, o cenário. Isso foi filmado da quinta ou sexta fila, mas são muitos lugares atrás, seiscentas pessoas se o auditório estiver lotado. Ou será que tinha lugares vagos, e talvez fossem quinhentas e oitenta pessoas, ou quinhentas e cinquenta? Esses números fazem diferença para a minha credibilidade? E se eu disser que importa é a visão contrária, a que eu tinha do palco? Não dava para ver toda a plateia, as luzes eram mais fracas no fundo, mas eu acho que dá para dizer sem erro que era muita gente.

[...]

Dá para dizer um monte de coisas sobre aquele dia. Seis de fevereiro de dois mil e dezoito. A não ser que você ache que é questão de sorte e azar, um mero acaso esse homem vir falar comigo antes de eu subir ao palco, e seiscentas pessoas verem o que ele fez comigo em cima do palco, e não ter nenhuma segurança nas primeiras filas, nem nas filas do meio, nas do fundo, nenhuma das seiscentas pessoas se deu ao trabalho de tentar encontrar um enquanto eu apanhava.

[...]

Se você entrevistar cada uma das seiscentas pessoas, elas vão dizer que são menos culpadas que o homem. Talvez até que não têm culpa nenhuma, afinal elas só saíram de casa para assistir a uma série de debates. Um simpósio de gente bem-intencionada. Um encontro de cidadãos exemplares no Hotel Standard, a dois quarteirões da avenida Paulista, como é que elas vão imaginar que uma das palestrantes ia levar uma surra na frente delas?

[...]

O homem que me bateu usou uma barra de ferro. A barra de ferro era preta. Quer mais algum detalhe? Esse foi o primeiro golpe, na altura do peito. A barra tinha uma ponta, como se fosse um prego na parte lateral, é essa a cicatriz que você viu. Como ninguém fez nada quando a surra começou, ele criou coragem para dar um segundo golpe no rosto. O golpe foi amortecido porque eu botei a mão na frente, se não fosse isso talvez eu estivesse morta, e mesmo assim teve força para entortar o meu nariz, esse que você viu também.

[...]

Quando ele deu o segundo golpe eu caí. É uma coisa instintiva, eu me encolhi preparada para ele dar mais um golpe, depois largar a barra de ferro, foi aí que ele passou a usar as mãos e os pés, dar socos e chutes para que eu terminasse de apanhar como uma, que palavra eu posso usar, qual a comparação certa? Ou seja, num relato verossímil para quem me ouve contando. Para quem me vê enquanto eu estou contando. Para quem faz uma relação entre o que é contado e o corpo de quem conta. É mais correto eu dizer que apanhei como uma cadela, uma galinha ou uma vaca?

[...]

Eu acho *vaca* a palavra certa. Porque é isso que uma mulher gorda sempre vai ser. Uma vaca é uma vaca é uma vaca, no Hotel Standard ou em qualquer lugar, em dois mil e dezoito ou em qualquer época, essa é a primeira coisa que vem à cabeça quando o assunto sou eu. A primeira palavra. As primeiras variações dessa palavra, vaca leiteira, vaca premiada, vaca mocha.

[...]

Foi o que o homem que me bateu disse. *Quer apanhar, Vaca Mocha?* Não precisa ser linguista para saber o motivo, a polícia mesmo cansa de usar esse recurso. Você pode investigar um crime a

partir de algo escrito ou falado, o computador identifica padrões de vocabulário, gramática, sintaxe, dá para traçar a biografia inteira de um criminoso assim.

Alexandre

Quando alguém liga a câmera é isso, ai eu sofri mais que você. Não, quem sofreu fui eu. O Big Brother do sofrimento, em dois minutos a minha irmã vira o seu filme ao avesso, mas o que são dois minutos perto da humilhação... Quem estava em casa era *eu*. O Plano Collor foi em março de noventa. A metalúrgica faliu em janeiro de noventa e um. O meu pai botou dinheiro para tentar evitar a falência, quatro salas comerciais, era o que ele tinha de imóveis depois de quarenta anos de trabalho... Mas uma coisa é ouvir as notícias por telefone.

[...]

Uma coisa é a minha irmã ficar sabendo de tudo depois. Pergunta se alguém contou para ela sobre a mesa quebrada. A cena toda, eu e a minha mãe. Imagina o meu pai com a filha na Europa, essas ligações eram aos domingos, o meu pai nunca disse filha, o Plano Collor me fez dar esse vexame. Eu queria jogar a tevê na parede, mas perdi o equilíbrio e derrubei a tevê na mesa. Eu deixei a sua mãe e o seu irmão me verem caído, no meio dos cacos de vidro. O meu pai de meia, com dois cortes no braço. A camisa para fora das calças. Ele resumia de outro jeito para a minha irmã porque claro que nunca ia admitir... Nessa época, você não tem ideia. A inflação antes do confisco era mil por cento ao ano. Três meses depois todo mundo já sabia que a inflação ia voltar, mas o meu pai nunca ia dizer para a princesa...

[...]

Alexandre

A minha mãe só trabalhou até casar. Ela era arquivista, teve uma vida boa até o meu pai falir e morrer. Eu só fui entender na época da falência, a vida toda dedicada ao marido, aos filhos, foi por isso que meu pai me escolheu. Ele organizou tudo para isso, esperava que eu cuidasse de tudo e eu cuidei.

[...]

Se você quer ter autoridade para falar, comece pelo próprio rabo. Eu decidi tentar só a faculdade pública, era o mínimo que eu podia... Digo, para não ser o *segundo* parasita da casa. Mas aí não é só uma questão de inteligência. Eu dormia mal, você já tentou estudar com o sono atrasado, com a quantidade de coisas... Depois que o seu pai morre, tudo nas suas costas? É óbvio que prejudicou no primeiro vestibular que eu fiz. No segundo. Uma coisa é você pensar que poderia tentar uma *terceira* vez, só que as coisas do colégio vão ficando para trás. Geografia. Até o jeito como você estuda, o cara vai esquecendo os nomes, os macetes... Química. Português. Você com menos concentração e paciência, e aí chega uma hora... Tem uma coisa de sorte mesmo.

[...]

Tem coisas que acontecem por acaso e fazem você abrir os olhos. O que teria mudado se eu tivesse um diploma de administração de empresas? Talvez eu usasse outro vocabulário. Todo pilantra faz isso, médico. Advogado. Artista então nem se fala, é um arrote de vocabulário atrás do outro, aí você espreme e o que tem por baixo... Ai, como eu sou sensível. A *expressão interior*. No que a sensibilidade

Raquel

Quando alguém chama uma mulher de galinha, por exemplo. Ou de cadela. Ou de porca. A palavra pode remeter a muita coisa, gênero, sexo, a faixa etária de quem escolhe a palavra, a cidade onde a pessoa estudou e assim por diante.

[...]

Com *vaca* é a mesma coisa. Bota a palavra no Google, olha quantas variações aparecem. Se alguém diz vaca leiteira é uma coisa. Vaca premiada é outra. Agora, vaca mocha você só encontra num caso específico. O significado desse termo é vaca que não tem chifres, tem gente no campo que fala assim, é um termo usado em fazendas, no Sul, mas uma criança em São Paulo nos anos oitenta só vai ouvir isso num programa chamado Sítio do Picapau Amarelo. Esse programa era baseado na obra de um escritor daqui, Monteiro Lobato. Era um tipo de literatura de fantasia, tinha uma boneca que falava, um marquês que era uma espiga de milho, um jacaré que era uma bruxa.

[...]

A Vaca Mocha dava o leite para o bolo que as crianças do sítio comiam. Quem fazia o bolo era uma personagem chamada Tia Nastácia. Tem toneladas de estudos sobre isso, porque a Tia Nastácia era negra e uma espécie de escravizada, e o Monteiro Lobato tem uns duzentos textos em que defende é isso, a escravidão, mas para mim o Sítio do Picapau Amarelo vai ser sempre algo ainda pior.

[...]

mas na verdade é uma vaca mocha, assim como você acha que é o self-made man, mas no fundo é só o pai da Vaca Mocha. Uma versão adulta da Vaca Mocha. A versão masculina de cento e trinta quilos que mal consegue caminhar, e obviamente não tem noção de como as coisas funcionam na escola onde a filha estuda.

[...]

Mas é claro que eu não disse nada. E o meu pai foi à escola sem avisar ninguém. Nem a minha mãe ficou sabendo, ele informou nós duas só depois, num daqueles jantares, ele estava comendo e disse, hoje à tarde eu fui falar com a sua professora.

[...]

Ele não disse *coordenadora*. Essa mulher que cuidava da quinta à oitava série, o primeiro grau, era assim que se chamava na época. O nome dela era Sônia, mas ele não disse *hoje à tarde eu fui falar com a Sônia*, nem *hoje à tarde eu fui falar com a coordenadora do primeiro grau*. Ele disse *hoje à tarde eu fui falar com a sua professora*. Isso já dá um retrato do quanto ele estava informado. Do cuidado que ele tomou antes de interferir. Da delicadeza ao tratar da coisa mais importante da vida da filha.

[...]

No dia seguinte a Sônia também teve uma ideia. Ela não me chamou na sala dela, não teve nenhuma conversa particular. O que ela fez foi bater na porta da minha sala de aula, pedir licença para a professora, a professora estava sabendo daquilo, óbvio, e então a Sônia entrou. Eu sentava na terceira fila. A Sônia disse que tinha um assunto para tratar e olhou para mim. Eu soube na hora. Você sabe na hora, o futuro passa na sua frente, é um calafrio.

[...]

Isso foi no fim de setembro. Dia vinte e três de setembro. Pense em quanto tempo pode durar o inferno, o que significa um dia aos

Então ele cantava só para mim. Era um show particular de vingança dele, e eu nunca reagi. Nunca reagi contra ninguém. Não fisicamente, eu ficava paralisada, essa é a natureza da vergonha, as pessoas farejam e fazem questão que você passe por isso. Mas é óbvio que em três décadas eu aprendi a reagir de outro jeito. Isso ninguém vai tirar de mim. É o poder que eu ganhei, estou aqui até hoje para lembrar quem o meu irmão é de verdade. O que ele fez na infância. E continuou fazendo na adolescência. E depois de adulto. É uma biografia diferente da minha, o meu irmão foi para outra escola quando chegou na oitava série, essa não era dedicada às artes, mas aos esportes, à vida social, ele *namorava*.

[...]

Sabe quantos namorados eu tive na vida? Quantas vezes eu achei que era possível isso acontecer mesmo eu sendo uma vaca mocha que odiava a mim mesma? O que o meu irmão cantava no banho, depois de apanhar por ter dito duas palavrinhas contra essa vaca? Só duas palavrinhas, será que era justo ele levar uns tabefes do pai porque estava de saco cheio do colégio inteiro falando da irmã? Ele não merecia ser perdoado? O meu irmão é diferente de alguém? Qualquer um no lugar dele faria igual, não é mesmo, só uma piada com uma vaca a caminho dos cento e trinta quilos, até parece que ninguém sofreu com essas *coisas da idade* uma vez na vida.

[...]

O que você faz com o que fizeram de você? Bom, aqui estamos mais uma vez. Eu depois de entrar no novo colégio, quando comecei a desenhar e escrever e estudar inglês a sério. E decidi não cursar faculdade no Brasil. E me mudei para a Europa. E passei mais dois anos treinando a língua, me preparando para entrar numa das melhores escolas de arte da Inglaterra. Uma história que podia ser perdoada como tantas histórias de família, mas o meu irmão não quis

Folder com a programação do quinto dia da Semana Pontes de Cidades e Convívio, 1ª edição, 2018.

8h30: Ausência de Estado e guerra civil — Hermes Albano, sociólogo e fundador do Instituto Brasileiro de Cidadania Aplicada (IBCA)

9h30: O Estado de direito e o encarceramento em massa — José de Castro Levitz, membro da comissão para a reforma da Lei de Execuções Penais da Câmara dos Deputados

10h30: Coffee break

11h: Pobres, jovens, marcados — Julia Motta, professora e pesquisadora da UNESCO

12h-13h30: Almoço

13h30: Exibição do filme *Good Vibes: Boas Vibrações?*, de Cauã Junqueira

15h: Debate com Cauã Junqueira, a crítica cinematográfica Andrea Oist, o rapper Pen Drive e o skatista Peré

15h45: Coffee break

16h: Brinquedos e fardas: o abismo da violência estrutural — Selma Linhares, fundadora da ONG Viveres

17h: O corpo político — debate com Ieda Sonda, presidente da Associação Interamericana de Mulheres Vítimas da Violência no Trabalho (IMVT), Gabriel Novais, pesquisador do Instituto Democracia e Memória (IDME), e Raquel Tommazzi, artista performática

matam por causa de um chinelo. Você sabe português muito bem, leu história brasileira para se preparar...

Eu conheço história brasileira.

Eu acredito. Digo, a coisa geral, mas aí tem o negócio... Quando é a sua vida ali. Eu tinha onze anos no governo Sarney. Teve os primeiros planos, Cruzado, Bresser, é diferente do governo Collor, aí ninguém vai me enganar porque eu já sabia. Pega agora mesmo, qualquer um que é pai sabe onde é que aperta. Se eu entrar numa agência amanhã... Para um banco, o futuro dos meus filhos é o cheque especial. O resto é capim para a bezerrada, você já viu as propagandas que os artistas se dispõem a fazer? É sempre uma musiquinha, o gerente oferece café e está lá a cantora, ai como é bonito o sol, o céu, o beija-flor, como a vida é legal quando é simples, não se preocupe com dinheiro porque a gente cuida dele para você aproveitar o seu tempo precioso...

Do que você está falando?

É só olhar os nomes. Os artistas cagando regra, todos os problemas do Brasil. Todos os culpados pelo chiqueiro ser um chiqueiro, menos quem paga o cachê deles. Quando a minha irmã aceita ser financiada por um banco... Patrocínio não é só a gorjeta que depositam. Tem a história toda, o que esses caras fizeram com o país. Com a sua família mesmo, os caras ajudaram a matar o meu pai, porque no fundo é isso. Ele quebra por causa do Plano Collor. Morre porque estava quebrado. Eu tive as minhas escolhas desde os anos noventa, me orgulho de tudo, agora olha o caso da Raquel...

É assim que você vê o trabalho dela?

Não é a coisa em si. O *trabalho dela*, por favor. O que tem para olhar nesse caso? Você mesmo, quem põe dinheiro no seu filme. É dinheiro da Alemanha, certo?

Alemanha e Holanda.

Mas é justamente isso. Só muda a profissão e põe a bebida. Anos depois você olha o que mudou, isso não é governo, migalha de ninguém. É só a esposa enfermeira e o Duílio. *Ausência de Estado*. O Jessé começa a trabalhar como segurança, ele arruma esse bico no clube, no supermercado. Sabe quantos anos sem beber?

No caso dele não é só bebida. Nem desemprego. Tem o histórico de violência.

E como você separa uma coisa da outra? O que é *histórico de violência* num caso desses? A mulher do Jessé virou enfermeira, os dois tiveram uma filha. Quinze anos sem nenhuma gota, só que aí você vai ver como é a vida ali, a escola onde o Jessé bota a filha... Você já pisou numa escola pública de São Paulo?

Já.

Pois é. Tem os professores da escola pública que são uma merda. Os diretores da escola pública que são uma merda. Os alunos na escola pública... Tem museu e taxa Selic para quem é artista ou acionista de banco, mas e a bezerrada? A periferia de São Paulo nos últimos anos, você não tem noção... Antigamente tinha justiceiro, estupro. Assalto. Tudo mudou, agora tem shopping, loja de carro, você já leu isso quinhentas vezes. Mas o que você não sabe... O que importa é o nosso rabo, hã? A duas ruas da casa do Jessé tinha uma boca de fumo. Ele se fodia o dia todo fazendo bico, a mulher passava o dia trabalhando no hospital, soma o que esses dois conseguiam ganhar... Quanto por mês para morar lá e saber até o nome do estagiário da boca? Quem é o chefe um, o chefe dois. Você passa a vida tentando não cruzar o caminho desses caras, é o que todo mundo faz por ali, perueiro, comerciante, mas aí a filha do Jessé... Você já teve dezesseis anos. Todo mundo já teve. A filha do Jessé gostava de ir ao shopping, dá para imaginar, um sábado ela está no ponto de ônibus e oferecem carona. O sujeito que ofereceu tem uma

Você quer saber sobre o histórico de violência. A época que o Jessé bebia. Digo, a época antiga, antes de ele parar, na verdade foi uma interrupção... Os quinze anos foram isso, um intervalo. Um pé dentro do boteco e pá, você volta a ser o que era quinze anos antes. Tem o Jesus crucificado e o diabo em cima da cruz. Eu não vou julgar aqui de longe, na posição que o cara está depois de perder uma filha... Eu sei lá o que ele queria botando o ferro na mochila. Quem sou eu para dizer o que um cara nesse estado deve ou não fazer. Ele resolve pegar ar num dos intervalos das palestras... A cem metros do hotel Standard tem um boteco. O primeiro gole em quinze anos.

[...]

O que eu posso dizer é que não existe *primeiro gole*. Isso eu sei, você sabe. O Jessé sabe. E isso foi uma escolha dele, pronto. Um dia ele pensou, pronto, acho que é isso para mim. Já que a vida acabou mesmo, o que eu tenho a perder? Mas antes eu vou mostrar para esses filhos da puta. Essa gente que está se promovendo em cima da violência, falando do que não sabe. Falando de *mim*. Ganhando dinheiro em cima da morte dos outros, da morte da minha filha, tudo pago por um banco. O Jessé pensou, querem ver o anjo do enxofre? Pois é. Esse sou eu.

vontade das bancas de jurados. Dos curadores. Dos críticos. Todos os senhores e senhoras na Europa, no Brasil, todos de boa vontade em relação aos problemas sociais vindos da pobreza, da violência. Se eu fosse a artista que se limita a isso sem atacar também essas pessoas, a hipocrisia delas, sem mostrar a responsabilidade delas sobre as coisas que eu mostro, tudo bem você fazer as perguntas que quer fazer. Mas olha o que aconteceu por causa desses meus ataques.

Que perguntas você acha que eu quero fazer?

Você não quer voltar à história do patrocínio?

Isso não é importante?

Depende do ponto de vista. Por exemplo, eu não sei se você se considera artista. Se acha o documentário uma forma de arte ou de jornalismo. No jornalismo você expõe um problema, digamos, e isso pode levar a um tipo de consenso, talvez por meio do diálogo e blá-blá-blá. É um objetivo nobre, tenho certeza de que você pode defender isso na reunião com os executivos dos canais que financiam você. Agora, pense na visão de uma artista. Eu sou brasileira, você não é. Eu tenho quarenta e seis anos, você não tem. Eu peso cento e trinta quilos, você não pesa. A solução do conflito para mim incluiria um diálogo com quem mesmo? O meu irmão? O homem que me agrediu? E qual o assunto que o outro lado trouxe para a mesa de negociação?

Isso vale para todos os casos? No evento do hotel...

O evento do hotel é onde isso se aplica. Isso é o que me dão para negociar.

Você diz...

Eu digo que a minha escolha é ficar ou não dentro da jaula. Agradar ou não ao público do zoológico, seja a banca da Barnold, seja o circuito das artes. Seja a imprensa. Seja você. Pegar a esmola que vocês jogam para mim. Fazer a dancinha que vocês querem em

momento em que ele abre a boca. Eu sinto o hálito dele, é o cheiro da surra que eu vou tomar quando subir no palco. Ele diz que vou apanhar se continuar *falando merda*, e eu sinto o cheiro do nariz quebrado, da cicatriz. Ele diz, você tem dúvida de que vou te encher de porrada? Você acha que a sua banha vai amortecer as porradas?

[...]

Foi o que ele disse. *A sua banha de vaca mocha. Quer apanhar, Vaca Mocha?* Ele disse e eu senti o cheiro da cantina do meu colégio. De um quilo de polenta, um balde de leite.

[...]

Ele disse, as suas patas vão proteger você? Esse focinho, você acha que eu não vou quebrar no meio? Eu olhei para ele e senti o cheiro do tempo que não passou, lá vamos nós de novo, um golpe de ferro no peito e um golpe de ferro no nariz e os chutes e socos até que ele canse de bater. Seiscentas pessoas olhando, algumas do lado do palco, a menos de cinco metros do que estava acontecendo, isso responde à sua pergunta sobre quem ficou ofendido na plateia? Sobre a imagem que ficou para o trabalho que essa gente faz sobre violência?

Isso que você narrou é a surra. Eu perguntei sobre antes, quando você sobe no palco. Você sabe da ameaça, mas ninguém ali sabe. E você age como se todo mundo entendesse.

Depois da surra todo mundo entendeu muito bem. Isso foi bastante explicado, eu dei várias entrevistas sobre isso. Adiantou alguma coisa? Alguém retirou as críticas? Alguém disse, perdão, essa gorda oportunista que veio se promover num seminário sobre violência não é bem isso? Alguém lembrou que a Vaca Mocha só foi chamada de Vaca Mocha porque o irmão dela informou o agressor sobre como usar esse apelido? As coisas certas a dizer, a criptonita.

[...]

ZÉ CARNEIRO: Também acho, ela parece boa pessoa mesmo. A dona Benta disse que ela faz tudo muito bem na casa. Cozinha, passa roupa. Brinca com as crianças, sobe até em árvore se precisar.

VACA MOCHA: Você entendeu o que eu disse?

ZÉ CARNEIRO: Claro, dona vaquinha.

VACA MOCHA: Mas eu pensei que gente não entendia língua de vaca.

ZÉ CARNEIRO: É? Mas eu entendo, e entendo muito bem. Eu gosto muito de conversar com bicho. Tem muito bicho que é muito melhor que gente.

VACA MOCHA: Hmmmmuuu.